

AMÉRICA PROMETIDA: TERRITORIALIDADE SANTA DE MOACYR SCLiar¹

Emanuele Nazaré da Silva²
Lília Batista da Conceição³
Pedro Ivan Olaia Ribeiro Filho⁴
Francisco Pereira Smith Junior⁵

Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar uma breve análise, a partir da literatura comparada, entre o conto A balada do falso messias, de Moacyr Scliar, e o processo migratório judaico-russo no Brasil, por meio de uma metodologia de caráter bibliográfico. Para tanto, a narrativa literária relaciona-se com discussões teóricas de Coser (2005), Haesbaert (2005), Hall (2006), Hanciau (2005) acerca das questões de identidade, hibridização, globalização e dinâmicas territoriais na migração. Nesta perspectiva, percebe-se os fenômenos migratórios sobre judeus que compõem o multiculturalismo brasileiro.

Palavras-chave: narrativas migratórias ; judeus russos ; Moacyr Scliar; hibridismo cultural.

Abstract: This article aims to approach a brief analysis, from the comparative literature, between “A Balada do Falso Messias” by Moacyr Scliar, and the migration process in Brazil from judeo-russian, the methodology is bibliographical. And the literary narrative is related to theoretical discussions by Coser (2005), Haesbaert (2005), Hall (2006), Hanciau (2005), questions about identity, hybridization, globalization and territorials dynamics on migration. On this perspective, can see the migratory phenomena about Jews and the Brazilian multiculturalism.

Keywords: migratory narratives – russian jeweshs – Moacyr Scliar – cultural hibridism

Recebido em: 24/10/2017

Aprovado em: 15/07/2018

¹ Trabalho oriundo das discussões acerca dos processos migratórios nas aulas do Professor Dr. Francisco Pereira Smith Junior, o qual ministra a disciplina Narrativas de migração no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Saberes na Amazônia – PPLSA da Universidade Federal do Pará (UFPA) no Campus Universitário de Bragança.

² Mestranda em Memórias e Saberes Interculturais do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Saberes da Amazônia – PPLSA pela Universidade Federal do Pará.
e-mail: emanuelesilv@gmail.com

³ Mestranda em Leitura e Tradução Cultural do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Saberes da Amazônia – PPLSA pela Universidade Federal do Pará.
e-mail: lilia._.batista@hotmail.com

⁴ Mestrando em Leitura e Tradução Cultural do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Saberes da Amazônia – PPLSA pela Universidade Federal do Pará.
e-mail: pedrolaia@gmail.com

⁵ Artigo orientado pelo professor Dr. Francisco Smith Júnior do Curso de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. E-mail: fsmith@ufpa.br

Introdução

O artigo “América Prometida: Territorialidade Santa de Moacyr Scliar” justifica-se pela importância de compreender os fenômenos migratórios por meio de narrativas literárias, visto que esse diálogo entre Literatura e História permite uma nova análise da realidade concreta. Por conseguinte, considera-se relevante estudos relacionados aos processos de migração sob este viés da Literatura Comparada, pois se evidencia em um texto ficcional a reflexão analítica do que acontece(u) no mundo real.

Nessa pesquisa aplicou-se a metodologia de caráter bibliográfico, visto que o embasamento teórico no decorrer das aulas de Narrativas de Migração do Curso de Mestrado do Programa de Linguagem e Saberes na Amazônia – PPLSA pôde proporcionar uma visão mais ampla a respeito das diversas razões dos povos migrarem de um lugar para outro, bem como as dinâmicas territoriais que interferem na (des)construção de identidade em decorrência do fenômeno de hibridização.

Este trabalho apresenta como principal objetivo abordar uma breve análise, a partir do conto “A balada do falso messias”, de Moacyr Scliar, e o processo migratório judaico-russo no Brasil, uma vez que a mudança de um país para outro influencia no modo de vida dos indivíduos imigrantes e daqueles que interagem com os mesmos.

Neste sentido, para se compreender a migração dos judeus russos para o Brasil e a interação deles com outros personagens. Moacyr Scliar nos situa temporal e espacialmente no seu enredo. A primeira seção deste artigo se propõe a fazer uma breve análise, apresentando aspectos culturais e históricos do conto “A balada do falso messias” e o diálogo existente entre História e Literatura, presentes na construção do mesmo. A segunda sessão faz uma breve análise literária e comparações com fatos e personagens bíblicos. Por último, relaciona-se a narrativa com textos teóricos que abordam as temáticas ligadas aos processos migratórios.

1. Entre Campos: Breve Histórico do Processo Migratório Judaico-Russo no Brasil

Abraão é considerado o “pai do judaísmo” e seguindo os relatos bíblicos, cerca de 2.000 anos separaram a origem deste povo até o início da Era Cristã. Aqui não se discutirá as tradições judaicas ou a origem dos judeus de forma mais profunda, mas sim a relevância e influência dos judeus-russos nos trabalhos literários de Moacyr Scliar. O próprio autor sendo filho de judeus que

vieram da Bessarábia (uma região russa, hoje conhecida como república Moldova), localizada entre Ucrânia e a Romênia, construiu uma das maiores literaturas sobre imigração judaica, e por estas contribuições, foi incluído na lista de 100 melhores livros de temática Judaica dos últimos 200 anos, feita pelo *National Yiddish Book Center* nos Estados Unidos, por causa do seu livro “O centauro no jardim”.

Se existe uma compreensão em comum acordo, é a de que ninguém é imigrante porque quer, e segundo Lourenço Neto (2008) “estudar a comunidade judaica exige penetrar na problemática questão da sua identidade”, pois os judeus vivenciaram experiências migratórias ligadas às perseguições, tais como: o antissemitismo e o antissionismo.

No conto “A balada do falso Messias”, o autor apresenta a vinda dos judeus russos ao Brasil como uma tentativa de viver longe dos problemas de intolerância aos descendentes da Terra Prometida. Portanto, para compreendermos melhor o contexto desta narrativa literária é necessário traçar um percurso histórico, ainda que seja breve, conectando-o às informações mencionadas pelo autor no decorrer do enredo.

Scliar utiliza datas e fatos históricos para encadear uma série de informações do texto, como ressalta Fernandes (2005, p. 379), já que “Literatura e História não podem mais ser pensadas como a primeira descrevendo o imaginário e a segunda, a realidade”. Partindo destes pressupostos, entende-se o que levou estas pessoas a saírem da Europa e chegarem ao Brasil, ou seja, o cenário que as levou a migrarem. Escrito em 1976, o conto narra a chegada de judeus russos no Rio Grande do Sul, fugidos dos *pogroms*⁶ que estavam acontecendo.

Encontrei-o pela primeira vez a bordo do *Zemlia*. Nesse velho navio, nós judeus, estávamos deixando a Rússia; temíamos os *pogroms*. Acenavam-nos com a promessa da América e para lá viajavamos, comprimidos na terceira classe. Chorávamos e vomitávamos, naquele ano de 1906. (SCLIAR, 1976, p. 17)

A possibilidade do diálogo entre História e Literatura, presente nesta seção foi possível a partir d’A Nova História⁷. Intimamente atrelada a um movimento que aconteceu na França e influenciou diretamente na Historiografia, isto é, a maneira de produzir o conhecimento histórico,

⁶ Segundo Gutfreind (2010, apud Roth, 1966, p. 976), Pogroms (em russo “destruição”): Eram massacres organizados para o aniquilamento de qualquer grupo ou classe, especialmente com a conivência do governo russo contra os judeus. O termo foi usado pela primeira vez fora da Rússia ao tempo dos levantes antijudaicos organizados pelas Centúrias Negras na Rússia no ano de 1905, mas é frequentemente aplicado às insurreições russas anteriores, a partir de 1881.

⁷ Ver Burke (1992, p. 9-37).

no final da década de 20 foi a chamada *École dos Annales* juntamente com a revista *Annales*, criada por Lucien Febvre e March Bloch, que rompeu com o paradigma da “história tradicional”; uma forma de escrever história a partir de uma visão do senso comum. Essencialmente, a história tradicional produzia sobre história política; em contraste, A Nova História se interessava por toda atividade humana, segundo Burke (1992). Portanto, compreende-se as influências que o conto possui e o diálogo existente com a História.

A presença dos judeus no que viria a ser a Rússia mais tarde, data desde meados do século IV e V, constituindo uma forte comunidade e desenvolvendo relações comerciais significativas. Sua influência dura até meados do século X. Por outro lado, as problemáticas envolvendo disputas étnicas já começam a se originar desde este período, disputas essas relacionadas principalmente às questões territoriais, pois, a identificação destinada aos judeus sempre foi a de “intrusos”, inclusive esta ideia foi massificada a partir do século XIV com a adoção de uma ideologia imperialista e o surgimento do primeiro Czar: Ivan IV. Iniciado nesse período a tentativa de unificar os territórios Russos, Ivan IV ficou conhecido como um imperador sanguinário, e as primeiras perseguições aos judeus russos começaram a acontecer. Expulsos e obrigados a refazerem sua vida em outros países como a Polônia, por exemplo, o regime imperialista forçou em variados momentos a reclusão dos judeus nos territórios russos, sendo aliás, obrigados a viverem em determinadas terras indicadas pelas autoridades.

Desse modo, mais adiante a sucessão dos imperadores russos, os *Czars*⁸, fizeram com que a vida desses sujeitos continuasse a sofrer variados impactos, pois a cada mudança de governo, um novo posicionamento envolvia a presença judaica no país, e quase sempre, eram ideologias antisemitistas⁹, incluindo espoliá-los de seus costumes e práticas para serem inseridos dentro da sociedade russa, ou em outros momentos, até mesmo exterminá-los (MORASHÁ, 2006¹⁰).

Em meados do século XIX, com a ascensão do Czar Alexandre II, sendo chamado até de “Czar Libertador”, os judeus puderam almejar uma possível melhora em suas condições de vida. Isto começou a ser possível com a abolição de leis que intensificavam a marginalização desses

⁸ Título do soberano russo (no tempo do império).

⁹ Inimigo ou inimiga da raça semítica, e particularmente dos judeus.

¹⁰ MORASHÁ. A Rússia czarista e os judeus. São Paulo. Edição 53, junho de 2006. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/comunidades-da-diaspora-1/a-russia-czarista-e-os-judeus.html>. Acessado em: 12/06/2017.

sujeitos, implementando uma tentativa de inseri-los dentro de um sistema capitalista, visto que a Rússia passava pela transição do regime ainda feudal para a industrialização. O que de fato aconteceu, pois, a partir dessas decisões, os judeus puderam desenvolver-se em diversas áreas comerciais, mas essa expansão e estabilidade judaica não era bem vista dentro da Rússia, portanto, os riscos e a volta das perseguições nunca deixavam de fazer presença. O que acabou ocorrendo: o antissemitismo ressurgiu, quando Alexandre II foi assassinado. A situação voltou a piorar com o envolvimento de uma moça judia na morte deste czar, e seus sucessores, o Czar Alexandre III e Nicolau II foram responsáveis pelos piores *pogroms* contra os judeus. E no decurso destes acontecimentos, começavam a surgir as primeiras organizações a favor da derrubada do regime Czarista, o que mais tarde deu corpo a Revolução Russa. O encadeamento desses fatores nos faz pensar que

O judeu que emigrou da Europa a partir do século XIX e nas primeiras décadas do seguinte – podendo-se dilatar esse período para além do primeiro conflito mundial (1914-1918/19) – está inserido no emaranhado histórico das ideias libertárias, nacionalistas, imperialistas e racialistas que se fortaleciam paulatinamente no Velho Continente. As rivalidades econômicas imbricaram-se às políticas, aumentando a crise social e, limitando-nos ao Império Russo, podemos afirmar que a situação do judeu foi se agravando neste espaço; basta contabilizar que, entre os anos de 1749 e 1881 foram publicados mais de mil decretos e disposições legais restringindo os direitos até então facultados aos judeus. (GUTFREIND, 2009)

Enquanto a perseguição aos judeus acontecia, concomitantemente desde o século XVIII já existia o descontentamento quanto ao regime existente na Rússia. Como uma forma de conseguir melhorar sua situação, muitos judeus também começaram a se filiar em movimentos comunistas ou socialistas, sendo esta característica também utilizada na propaganda antissemitistas para denotar aos judeus, o posto de insurgentes já que estavam ligados aos bolcheviques. A revolução de 1906 que antecedeu a Revolução Russa de 1917 e o desmonte da monarquia russa, é o marco histórico que coincide com a vinda dos personagens do conto para o Brasil, dado que em razão da intensificação das disputas políticas, a integridade dos judeus ficava mais ameaçada justificando a saída de milhões deles da Rússia.

A chegada dos personagens até uma colônia agrícola, remete a criação da *Jewish Colonization Association*¹¹, em 1891. No Rio Grande do Sul, mais especificamente em Erexim, acontece a instalação dos personagens na colônia “Barão Franck”, e neste local se sucedem os acontecimentos característicos do conto, preconizando o fracasso na adaptação desses sujeitos, o que de fato ocorreu em muitas colônias agrícolas destinadas aos judeus, inclusive Gutfreind (2010) relata o caso da colônia Quatro irmãos no RS, que foi abandonada em virtude de possíveis perseguições decorrentes da revolução de 1923 no Brasil ou o abandono das terras diante das dificuldades de realizarem trabalhos na lavoura. Esta trajetória de um grupo étnico, evidenciada nos escritos de Scliar, é fruto e influência de suas memórias e das memórias compartilhadas, e estão presentes nos traços desse autor. Algo muito particular é o jogo de palavras, a colocação dos nomes ou termos que existem em suas produções literárias. Como sabido, Scliar era descendente de judeus, era de Erexim, e de origem indígena o nome Erexim quer dizer “campo pequeno”. Alguns estudiosos defendem a ideia de que as perseguições sofridas pelos judeus na Rússia foi uma preparação para o que ainda viria alguns anos mais tarde na Alemanha, e nesse período, os campos pelos quais os judeus viveram, em traço nenhum indicaram liberdade.

2. Hora do Conto: Breve Abordagem Literária

O autor do conto A balada do falso messias chama-se Moacyr Scliar. Este nasceu em Porto Alegre no ano de 1937, filho dos judeus José e Sara Scliar, os quais vieram da Bessarábia que está localizada na Rússia. O escritor também era médico e faleceu em fevereiro de 2011 após um AVC.

Scliar foi autor de setenta e quatro livros em vários gêneros. Escreveu contos, romances, crônicas e outros. Sendo que as duas grandes influências nas obras do mesmo foram a condição de filho de imigrantes de origem judaica e a formação em medicina.

O conto, em evidência, é uma narrativa curta que caracteriza o minimalismo da Literatura pós-moderna. Essa prosa aborda os motivos da imigração judaica no Brasil durante o início do século XIX, mais precisamente uma história que traz como temática os judeus fugindo dos *pogroms*

¹¹ JCA - *Jewish Colonization Association* (ou ICA) organização criada, com a função de instalar colônias agrícolas em várias regiões, onde os judeus oprimidos na Europa, pudessem viver livre e dignamente (BILO apud SCLIAR, 2007).

e da fome. Além do mais, a obra literária faz uma adaptação de aspectos da realidade concreta para a ficção, porém de forma, cômica e mítica.

Percebe-se algumas características específicas no texto prosaico de Scliar, tais como: preferência por personagens carentes de identificação, desejo de dominação, mistura entre o fantástico e o humorístico (insólito), narrativas curtas, localização em ambientes urbanos e no mundo contemporâneo, introdução de personagens de origem judaica, enredos protagonizados por figuras bíblicas, fatos bíblicos no decorrer da narrativa e personagens que fogem à normalidade do cotidiano com anomalias sintomáticas dos desvios éticos ou psíquicos provocadas por uma sociedade violenta e competitiva, crítica da sociedade capitalista e a perversidade que se materializa no comportamento dos heróis.

Com relação ao ponto de vista, o narrador é uma personagem secundária. Portanto, o foco narrativo encontra-se em 1ª pessoa, conforme o fragmento do conto: “Encontrei-o pela primeira vez a bordo do Zemlia. Nesse velho navio, nós, judeus, estávamos deixando a Rússia; tínhamos os *pogroms*” (SCLIAR, 2003, p.17). É interessante que este narrador inicia e termina a história em uma mesa de bar. O mesmo faz comentários acerca dos possíveis milagres realizados por Zvi. Sendo que ao final do texto o narrador passa a impressão ao leitor de que começa a acreditar no Messias Shabtai Zvi.

O nome do autor Moacyr Scliar teve influência da literatura brasileira, seus pais se inspiraram no romance *Iracema*, de José de Alencar, e deram para o seu filho o nome da personagem Moacir, o primeiro brasileiro miscigenado, filho do relacionamento amoroso de Martim com Iracema, a virgem dos lábios de mel. Para o escritor, os nomes são legados dos pais para os filhos e apresentam significado de suma importância para a vida do ser humano, principalmente para o próprio destino. Assim, percebe-se que os nomes que aparecem durante a narrativa têm significados que se relacionam diretamente com a história e a personalidade dos personagens. O primeiro nome apresentado durante a narrativa é o nome do navio Zemlia, que traduzido do russo para o português significa Terra.

Shabtai traduzido do hebraico é Saturno, mas também Shabtai é um nome comum dado a crianças judias que nasceram no sábado. Zvi também é um nome masculino comum entre os hebreus, mas pode ser traduzido para o português como gazela. Shabtai Zvi são dois nomes comuns entre os hebreus. Shabtai Zvi é um judeu como qualquer outro judeu, que durante a narrativa em

situações e correlações apresenta-se próximo de vários personagens da bíblia, por aparência ou referência a ações, como apresentado mais a frente neste mesmo artigo.

Shabtai Zvi é o personagem principal e, durante a narrativa, os judeus-russos passam a acreditar que ele é o Messias. Por esta razão, funda o movimento messiânico chamado sabatatismo, uma vez que o mesmo realizava milagres como Jesus Cristo. Por isso, muitos acreditavam nele. Zvi é de Smirna, na Ásia Menor, fisicamente diferente dos judeus russos a bordo na terceira classe do Zemlia, como se descreve no texto, ele é “ainda mais oriental do que nós” (SCLIAR, 2003, p.17), e isto se percebe “por sua pele morena e seus olhos escuros” (IBDEM). E logo Shabtai Zvi é traduzido aos olhos dos judeus russos como “louco, o turco” (SCLIAR, 2003, p.18). Zvi é uma personagem como um anti-herói que desde o início da narrativa apresenta-se misterioso. Por que ia para a América? Por que fugia? Sendo de família muito rica, viajando no “único camarote decente do barco” juntamente com seu companheiro Natan de Gaza. “Perguntas sem resposta”. O narrador deixa o leitor curioso em saber quem são esses dois personagens: Shabtai e Natan, e qual é a relação que eles têm entre si além de serem judeus. Há indícios na criação textual de Scliar de que Shabtai Zvi e Natan de Gaza tinham uma relação marital de casamento, pois convivem como outros casais, dividiram o mesmo camarote do navio e posteriormente a mesma casa na colônia Barão Franck, tanto que há no texto a reprovação do representante do barão esboçando seu desconforto com a formação de uma família fora das tradições formais e chamando-os de “gente esquisita” (SCLIAR, 2003, p.19).

Natan de Gaza é amigo de Zvi., apresenta uma grande eloquência e faz a divulgação do Messias para os demais judeus. Esta cena é comprovada na passagem do texto: “_ O Messias já chegou!!(...) O Messias está aqui! O Messias é o nosso Shabtai Zvi! ” (SCLIAR, 2003, p.20). Isto destaca que Natan teve certa importância, pois o nome Gaza significa fronteira, ou seja, ele representa dentro da obra a aproximação com os outros judeus. Entretanto, ao final da prosa se envolve em contrabando e fica foragido.

Chico é a abreviação do nome Francisco, nome comum brasileiro. Diabo como sobrenome é atribuir à personagem a diferença, o contraponto, o antagonismo ao messias. Chico Diabo é o brasileiro bandido que saqueava junto com o seu bando as colônias. No entanto, perde espaço para Zvi em decorrência à dubiedade do protagonista, já que ao mesmo tempo que alguns judeus consideravam este o Messias, também o mesmo poderia ser uma farsa para tirar proveito da

credulidade dos judeus e não trabalhar na colônia. Quando Chico Diabo fica doente, Zvi tenta curá-lo, mas aquele não resiste e morre, conforme o excerto a seguir: “Chico Diabo levantou a cabeça, olhou para Shabtai Zvi, deu um grito e morreu” (SCLIAR, 2003, p. 22)

Gumercindo é o lugar-tenente. Ele vai em busca do Messias para curar Chico Diabo no momento em que este se encontra enfermo. Fato este presente em: “Chico Diabo me mandou trazer o santo de vocês para curar ele” (SCLIAR, 2003, p.22)

Sarita, em hebraico, é o diminutivo de Sara. E esta personagem no conto considera-se a prometida do Messias. Na história, ela se casa com Zvi, mas morre no decorrer do conto, de acordo com o excerto a seguir:

Sarita, a filha adotiva do gordo Leib Rubin, perdera os pais num *pogrom*. Ficara então com a mente abalada. Seguiu Shabtai Zvi por toda a parte, convencida de que era a esposa reservada para o Ungido do Senhor E para nossa surpresa Shabtai Zvi aceitou-a; casaram-se no dia em que terminamos o casco do barco. (SCLIAR, 2003, p. 21)

Leib Rubin era o pai adotivo de Sarita. Este consegue enriquecer ao final da história. Segundo o narrador:

Ajudado por um parente rico, Leib Rubin se estabeleceu com uma loja de fazendas. Depois, passou para o ramo de imóveis e posteriormente abriu uma financeira, reunindo grande fortuna. Shabtai trabalhava em uma de suas firmas da qual também eu era empregado (SCLIAR, 2003, p. 24)

Padre Batistella faz uma referência ao catolicismo. Batistella é um sobrenome de origem italiana, proveniente de Batista adicionado o sufixo “ella” (diminutivo); talvez uma referência a um “Batista menor” que João Batista, referendado por Natan de Gaza. O padre Batistella entra em conflito com a fé destes judeus, que acreditam que Zvi é o Messias, quando diz: “O Messias já passou pela terra. Foi Nosso Senhor Jesus Cristo, que transformou a água em vinho e morreu na cruz por nossos pecados” (SCLIAR, 2003, p.21). Para tanto, no mesmo instante Sarita revida com a fala “_ Cala-te, padre!” (IBDEM). Isto enfatiza a intolerância diante da religiosidade alheia.

Um curandeiro, que na narrativa não possui nome, faz uma representação da miscigenada cultura afro-ameríndia que não é denominada. Este curandeiro faz mandigas para curar Chico Diabo, todavia nada dá certo, e quando Chico Diabo falece, este curandeiro é imediatamente morto pela quadrilha de malfeitores. Tais ações estão descritas em: “Perto dele, um curandeiro fazia mandigas(...). O curandeiro, eles mataram ali mesmo”. (SCLIAR, 2003, p. 22-23)

O dono do bar, o qual também não é mencionado o nome no decorrer do conto, adiciona uma dúvida diante do universo maravilhoso do Messias quando o narrador diz: “O vinho se transforma em água. O dono do bar acha que é apenas um truque”. (SCLIAR, 2003, p. 24)

No que diz respeito ao tempo no texto, o mesmo é cronológico, pois há uma linearidade na sucessão dos fatos, como mostra na passagem inicial do texto “Chorávamos e vomitávamos naquele ano de 1906” (SCLIAR, 2003, p.17). No entanto, é possível observar a técnica do *Flash Back*, no qual se pode notar desde a embarcação dos judeus à instalação dos mesmos na colônia.

Quanto ao espaço, este perpassa por diversos lugares. Sendo que em Erechim acontecem os fatos mais importantes da narrativa, mais precisamente na colônia do Barão Franck, segundo o trecho: “Chegamos à Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, e de lá viajamos para Erexim, de onde fomos levados em carroções para os nossos novos lares, na colônia denominada Barão Franck, em homenagem ao filantropo austríaco que patrocinara nossa vinda”. (SCLIAR, 2003, p.18)

Diante da breve análise da obra literária, percebe-se que a literatura não se restringe à ficção, mas aborda também a realidade concreta, assim como muitos documentos históricos. Apesar da linguagem específica, os fatos narrados podem estar vinculados ao que aconteceu também no mundo real. Isto se evidencia também, por exemplo, na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902), que retrata a guerra de Canudos no interior da Bahia. Um acontecimento histórico apresentado, de forma, diferente na obra literária, visto que a história dos grandes homens não mostra na íntegra a realidade dos fatos em decorrência de um posicionamento ideológico dos poderes hegemônicos.

3. Bíblia e Literatura: Qualquer semelhança, uma mera coincidência ou o Falso Messias já chegou?!

O conto apresenta vários fragmentos relacionados a fatos bíblicos, bem como às figuras da Bíblia Sagrada. Isto evidencia uma característica típica de Scliar na prosa, na qual utiliza essa estratégia a fim de explorar o universo sobrenatural dentro da obra literária, por meio do lado humorístico. Por conseguinte, pode-se destacar a presença do insólito na narrativa, visto que há essa mesclagem entre o misticismo e o humor no interior da Literatura fantástica.

O sonho da Terra Prometida apresenta-se claramente no texto prosaico de Scliar, uma vez que Shabtai Zvi acreditava que as dificuldades por que passavam aqueles judeus era devido à

punição divina. Isto é comprovado nos livros do Antigo Testamento da Bíblia Sagrada: Êxodo e Josué, nos quais o povo judeu liderado inicialmente por Moisés e depois por Josué caminhavam em busca da Terra Prometida. Da mesma maneira, é possível relacionar Zvi com Jesus Cristo, devido ser anunciado como messias e pela transformação da água em vinho durante o velório de Chico Diabo. Já Natan de Gaza pode ser visto como João Batista, pois tanto Batista quanto Gaza prepararam o caminho para a vinda do Messias. E tal acontecimento bíblico está presente em João 01:23.

A personagem principal Shabtai Zvi, além de referenciar diretamente Jesus também faz referência à personagem bíblica Moisés, pela sua inclinação para a liderança, tentando tirar seu povo daquela situação crítica que se encontrava. Enquanto que Natan de Gaza, além de referenciar diretamente a João Batista, também faz uma alusão a Arão, irmão de Moisés, devido à eloquência, na qual traduzia para o povo as palavras do líder. Isto se concretiza em Êxodo 04:10 quando Moisés afirmava que a gagueira o tornava incompreensível para o povo, então precisava de um porta-voz para se expressar em público.

Enquanto que o Chico Diabo revelava características típicas do inimigo, porém, de modo, cômico, seus comparsas representavam a legião de demônios. Eles chegaram às proximidades da colônia de Barão Franck trazendo destruição para os judeus instalados ali naquela localidade. Fato este bem visível em “Fugindo dos ‘Abas Largas’, esconde-se perto da colônia. E rouba, e destrói, e debocha. Rindo, mata nossos touros, arranca-lhes os testículos e come-os, levemente tostados. E ameaça matar-nos a todos se o denunciarmos às autoridades” (SCLIAR, 2003, p. 20). Vale ainda mencionar que o excerto “E rouba, e destrói, e debocha” lembra a passagem bíblica em João 10:10 “O ladrão não vem, senão para matar, roubar e destruir”.

Durante o velório do Chico Diabo ocorre o milagre de Zvi, no qual a transformação da água em vinho ocorre pela primeira vez. Sendo que o velório era como uma festa. Daí a justificativa para o termo balada no título do conto, em que a quadrilha tinha se embriagado e momentos achavam que o vinho era sangue. Isto destaca dois fatos bíblicos: o primeiro milagre de Jesus em uma festa de casamento em João 02: 01-11 e uma das dez pragas do Egito quando Moisés transforma a água do rio Nilo em sangue, presente em Êxodo 07:20

Outro ponto interessante é quando os judeus derrubam suas casas para construir uma embarcação com o propósito de fugirem daquele lugar. Esse momento faz referência à construção da arca de Noé em Gênesis 06: 09-22 e 07:01-09.

O fato também de Zvi levantar as mãos e falar em hebraico, aramaico e outras línguas para transformar a água em vinho lembra quando o Espírito Santo desceu no dia de Pentecostes, se apoderou dos discípulos e todos eles começaram a falar em línguas estranhas. Isto se encontra em Atos 02. Sendo que falar em línguas estranhas era um dos primeiros sinais da presença do Espírito Santo. Assim como, o mito babélico em que Deus pune os homens por causa da construção da torre de Babel em Gênesis 11.

A dúvida do discípulo Tomé pode ser expressada na narrativa por meio do dono do bar, o qual não acreditava que Zvi transformava água em vinho, mesmo presenciando a ação sobrenatural dentro de seu estabelecimento. Essa representação lembra que Tomé não cria na ressurreição de Cristo. Por este motivo, precisou tocar e ver as marcas das feridas causadas pelos pregos nas mãos de Jesus Cristo. Tal episódio é narrado em João 20:19-31.

Nessa perspectiva, percebe-se que há uma mistura entre o sagrado e o profano no decorrer do conto, visto que o narrador termina na mesa de um bar com Zvi que realiza a transformação da água em vinho naquele mesmo lugar. Além disso, as suspeitas da crença do narrador nos milagres de Zvi talvez seja pelo simples fato da embriaguez.

4. América Prometida: Dinâmicas Territoriais e Intolerâncias

“Atravessaremos o mar. Chegaremos à Palestina, a Eretz; e lá, na santa e antiga cidade de Sfat, construiremos um grande templo” (SCLIAR, 2003, p.20). A busca incessante pela Terra Prometida é algo evidente na narrativa. Os judeus-russos já tinham atravessado meio mundo para chegarem à América Prometida, porém, ao se estabilizarem no Brasil, percebem a realidade local. Logo, há um estranhamento do outro, o migrante reterritorializa-se em terra estrangeira e considera o nativo como sendo estrangeiro em seu território demarcado como colônia em uma vida rural dura, como o narrador admite (SCLIAR, 2003, p.19), todo o estranhamento e intolerância ao outro, ao diferente e novo é refletido durante o texto de Scliar por meio das ações devastadoras do granizo nas lavouras e principalmente de Chico Diabo, pois a intolerância, como descreve Eco:

É um curto-circuito terrível, porque constitui uma tentação constante para cada um de nós: basta que nos roubem a mala no aeroporto de um país qualquer para que voltemos para casa dizendo que é bom desconfiar da gente do tal país. (ECO, 2006, p.117)

Chico Diabo é a representação do estrangeiro para o judeu-russo, e segundo a narrativa é Chico que é da Fronteira:

Vem da fronteira com seus ferozes sequazes. Fugindo dos Abas Largas, esconde-se perto da colônia. E rouba e destrói, e debocha. Rindo, mata nossos touros arranca-lhes os testículos e come-os, levemente tostados. E ameaça matar-nos a todos se o denunciarmos às autoridades.

Ao mesmo tempo que o narrador judeu relaciona Chico com o inimigo, o diabo, definindo-o em três ações: “rouba e destrói, e debocha”; este mesmo narrador discursivamente define as ações de Chico com deboche, ignora a natureza brasileira e antecessora do nativo a despeito de uma suposta superioridade judaico-russa vinda da Europa Oriental, que não aceita o trabalho árduo no arado onde as “mãos se enchem de calos de sangue” (SCLIAR, 2003, p. 19).

Uma vez descobertas e alcançadas, as novas terras representavam o próprio purgatório, um lugar intermediário entre o céu e a terra, o “terceiro lugar”, oposto à Europa – metrópole da cultura e terra dos cristãos -, para muitos um inferno com duração limitada, que começava com o rito de passagem simbolizado pela viagem dos navegantes às terras de além-mar. (HANCIAU, 2001, P. 117-118 apud HANCIAU, 2005, p. 130)

Provavelmente a percepção a respeito da América destes judeus mais orientais citados no conto não seja a mesma que Hanciau descreve em seu artigo, porém a ideia de um lugar intermediário além-mar oposto à Europa era de senso comum. Somado a isto, o sonho da Terra Prometida, é como afirma Haesbaert, a busca pela “territorialidade” (2005, p. 43), e que ao longo do conto a concepção de território para estes migrantes vai se modificando, e a prova mais evidente é o afastamento total de Natan de Gaza e o hibridismo cultural de Shabtai Zvi ao final do texto rezar em várias línguas. Da mesma forma que Zvi se transforma em um judeu híbrido culturalmente, por outro lado de Gaza continua fronteiriço. Sem perceberem estes judeus-russos primeiramente intolerantes vão absorvendo a cultura local e gradativamente hibridizam-se, e apresentam-se em um caso de migração, como afirma Humberto Eco, onde “não há mais guetos e a mestiçagem é incontrolável” (ECO, 2006, p. 109).

Natan é fronteira, é de Gaza, é fronteira entre Israel e Palestina, região de conflito e

discordâncias religiosas a respeito de qual população pertence à territorialidade da tão sonhada Terra Prometida, duas populações brigam pelo mesmo espaço físico-geográfico no planeta terrestre e habitam um entre-lugar, uma fronteira, borderline.

Outro indicador de que a desterritorialização não está presente de forma dominante em todo processo migratório é o de que a territorialidade pode ser vivenciada também no imaginário dos grupos sociais. Os judeus não carregaram consigo durante séculos a ‘territorialidade’ da Terra Prometida? O peso da dimensão simbólica dos territórios na atual dinâmica social mundial deve ser sempre destacado. (HAESBAERT, 2005, p. 43)

O Sonho da Terra Prometida alimenta a euforia de encontrar um território próprio e ao mesmo tempo reafirma a impotência de não poder ser nem ao menos desterritorializado, pois o seu território ainda está somente no plano da promessa, não existindo no espaço geográfico, e Natan de Gaza é esta representação mais evidente na história de Scliar, pois os judeus são apátridas e nunca foram ao menos territorializados.

Entre-lugar (S. Santiago), lugar intervalar (E. Glissant), tercer espacio (A. Moreiras), espaço intersticial (H. K. Bhabha), the thirspace (revista Chora), *in-between* (Walter Dignolo e S. Gruzinski), caminho do meio (Z. Bernd), zona de contato (M. L. Pratt) ou de fronteira (Ana Pizarro e S. Pesavento), o que para Régine Robin representa o *hors-lieu*, são algumas, entre algumas variantes para denominar, nesta virada de século, as “zonas” criadas pelos descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade, que vêm testemunhar a heterogeneidade das culturas nacionais no contexto das Américas e deslocar a única referência, atribuída à cultura européia. (HANCIAU, 2005, p.127)

E suplementando com Cláudia de Lima Costa para uma relação com a tradução cultural:

Traduzir significa ir e vir (‘world’-traveling para Lugones [‘Playfulness, ‘World’-Traveling’]), estar no entrelugar (Santiago), na zona de contato (Pratt), ou na fronteira (Anzaldúa Borderlands/La Frontera). Significa, enfim, existir sempre des-locada/o.

O texto literário criado por Scliar possui uma temporalidade referente ao período de tempo em que migrantes judeus russos saem de sua terra natal em um barco, atravessam o oceano, aportam no Brasil, vivem um tempo em uma colônia no interior do Rio de Janeiro, como agricultores, não se acostumam com o cotidiano da lavoura, e por isso migram para a cosmopolita Porto Alegre. Esta temporalidade nos remete a outras sensações de tempo e transições de períodos históricos que pode ser observado no comportamento da população judaico-russa migrante vinda no navio Zemlia. Desde a viagem até o primeiro acampamento na lavoura percebe-se que Zvi e Gaza estão bem

próximos; após a morte de Chico Diabo, e a ida destes judeus-russos para a capital do Rio Grande do Sul, Gaza “envolveu-se em contrabando, teve de fugir e nunca mais foi visto” (SCLIAR, 2003, p. 24), ou seja, primeiramente os judeus-russos estavam mais próximos da situação de fronteira, não se reconhecendo ainda brasileiros, e após se mudarem para Porto Alegre se separaram da fronteira se aproximando mais de um multiculturalismo. Percebe-se ainda na narrativa que primeiramente todos os judeus-russos acreditam que Zvi é o messias, tanto prova que o padre é refutado quanto a sua crença de que o “Messias já veio” (SCLIAR, 2003, p. 23); já em um segundo momento observa-se que Leib Rubin se enche de todas as histórias e sonhos sobre a Terra Santa e reúne todos para propor ir para Porto Alegre, a representação da megalópole, e a migração da lavoura para o centro urbano (IBDEM); e por terceiro pode-se observar que o messias já está em Porto Alegre, desacreditado em uma mesa de bar, fazendo milagres como se fossem truques artísticos de um ébrio assíduo que bebe vinho e fala pouco, e desta imagem pode-se concluir que os judeus-russos já estão em uma temporalidade próxima à pós-modernidade.

5. A Balada: A Terra que Emanava Leite e Mel

Próximo ao final da narrativa “A Balada do Falso Messias” há uma cena descrita por um dos soldados:

(...) que haviam encontrado Shabtai Zvi sentado numa pedra, olhando para o corpo de Chico Diabo. Espalhados pelo chão – os bandidos, bêbados, roncando. Havia bois carneados por toda a parte. E vinho. ‘Nunca vi tanto vinho! (...)’ (SCLIAR, 2003, p. 23)

Esta cena descreve semelhantemente ao primeiro milagre de Jesus em uma festa de casamento, a transformação da água em vinho. E desta forma pode-se ler que esta cena simboliza não somente a morte de Chico Diabo, mas a celebração de uma aliança feita através da morte, pela vida. A simbologia remete também à santa ceia, onde o vinho representa o sangue do Messias, e Zvi contemplando o corpo de Diabo é semelhante a cena de Jesus contemplando o pão e dizendo “Isto é o meu corpo oferecido em favor de vós” (Lucas 22:19).

Todos bêbados, espalhados pelo chão, descrevem uma cena farta de churrasco e bebida à vontade; a morte de Chico Diabo foi uma grande festa onde todos comeram e beberam até se fartar. O curandeiro foi morto, pois a cultura judaico-cristã se sobrepôs e absorveu, engoliu as tradições culturais de Chico. Como em um ritual antropofágico, Shabtai Zvi contempla o corpo de Chico

Diabo antes de devorá-lo. O Messias e o Diabo são apenas um, a outra face do espelho, o espelho fragmentado, a descontinuidade, ruptura e deslocamento ocorridas pelo “impacto da mudança contemporânea conhecida como ‘globalização’” (HALL, 2006, p. 18).

A narrativa concorre para a imagem de um Brasil com muitas rezes de gado e muita produção de vinho no meio rural onde habita a bandidagem; e com a possibilidade de se morar em uma cidade grande e urbanizada onde há um grupo de empresas organizadas por judeus-russos, e onde o vinho que é produzido no meio rural de bandidagem, é servido na mesa do bar na capital. E é aí que o Messias faz o processo inverso do milagre e o vinho se transforma em água. Vinho para alegrar e água para matar a sede. Junto a Chico Diabo e seus capangas, o Messias sentiu necessidade de transformar toda a água em vinho e alegrar a todos os companheiros, mas na mesa de bar em Porto Alegre, com seu amigo narrador, Zvi prefere fazer o inverso e transforma o seu copo de vinho em água, em uma simbologia que naquele momento representa mais a necessidade de se matar a sede do que se alegrar com vinho. O Messias é desacreditado, “é apenas um truque” (SCLIAR, 2003, p. 24), é água para molhar a garganta, lavar as mãos e pés, esfriar caminho. O Messias torna-se mercadoria obsoleta, a “reprodução de sua fórmula de sucesso de audiência” (FERNANDES, 2005, p. 389) não tem mais efeito, e seu encantamento já é apenas um truque.

Ainda pode-se relacionar a cena da festança promovida junto com o Messias como a grande fatura no meio rural brasileiro, devido a produção de gados bovinos e vinícolas ser as grandes produções da região rural próxima a Porto Alegre, e a transformação do vinho em água pode-se relacionar com a incapacidade de se produzir um vinho bom na cidade grande e a grande desvalorização que este trabalho artesanal de extração do vinho ganha em detrimento de uma produção em grande escala de produtos alcóolicos envazados que imitam o vinho tradicional, produtos que barateiam o mercado vinícola e também diminuem a qualidade do suco de uva consumido com composições com maior quantidade de água do que vinho, diluídos em um mercado competitivo global.

Considerações Finais

Esta narrativa textual descrita em A Balada do Falso Messias de Moacyr Scliar está inserida em um contexto histórico-cultural em um período específico de migrações no Brasil, apresentando

em uma narrativa concisa de cunho maravilhoso e humorístico com informações precisas sobre os costumes e tradições cotidianas de migrantes judeus-russos fugitivos de manifestações de intolerância na Europa Oriental. Estas populações de judeus já miscigenadas que realmente nunca tiveram um território e buscam por uma Terra Prometida em um sonho europeu de uma América Virgem e seu Eldorado, cheio de fartura, leite e mel. Na realidade diária após esquecerem a viagem, que foi tão cansativa até chegarem ao Brasil, percebem que a América Prometida era uma terra como qualquer outra com seus problemas e enfrentamentos diários, se desiludem e desesperançosos migram para o centro urbano em busca de uma vida menos difícil que a da lavoura. Na grande Porto Alegre, os judeus se estabilizam financeiramente e aglutinam-se ao mercado global e a vida pós-moderna.

Além de abarcar amplos domínios, as fronteiras muitas vezes são porosas, permeáveis, flexíveis. Deslocam-se ou são deslocadas. Se há dificuldade em pensá-las, em apreendê-las, é porque aparecem tanto reais como imaginárias, intransponíveis e escamoteáveis. Estudá-las, se não resolve essa problemática, leva pelo menos a entender o sentimento de inacabamento, ilusão nascida da incapacidade de conceber o 'entre-dois-mundos', a complexidade deste estado/espço e desta temporalidade. (HANCIAU, 2001, p. 133)

Não há uma identidade mestra para os judeus ou mesmo para os judeus-russos, pois como Stuart Hall afirma, a identificação é politizada (política de diferença), pois “a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado” (2006, p.21).

Shabtai Zvi é uma personagem que exemplifica com efeito o Cidadão do Mundo descrito por Octavio Ianni (2004, p. 105-114), sujeito híbrido, dinâmico e flexível, que não abandonou suas tradições e raízes, mas “está inserido nas configurações e movimentos da sociedade mundial” (IANNI, 2004, p. 109). Ao passo que Coser (2005, p. 186) destaca que “Híbridos somos todos nós, são todas as culturas e todas as histórias”. Isto enfatiza o processo de hibridização cultural por meio das migrações.

Em última análise, a narrativa faz referência a uma cibercultura que está por vir, pois Zvi antes de ser anunciado como Messias se prepara isoladamente estudando a Cabala. “A ciência misteriosa das letras e dos números (as letras são números e os números são letras; os números tem poderes mágicos; quanto às letras são o degrau da sabedoria)” (SCLIAR, 2003, p. 19). Neste trecho da narrativa o escritor nos indica a relação que números binários e hexadecimais tem com as letras, e imagens e sons produzidos pelo computador, ou seja, as virtualidades e simulacros produzidos

pela eletrônica e informática confirmam a afirmação de que letras realmente são números com poderes mágicos. A Cabala é o pré-anúncio de uma era midiaticizada, informatizada e de grande avanço tecnológico. O Messias Zvi estuda a Cabala como que se preparando para envolver-se nesta sociedade global complexa e contraditória como descreve Ianni (1996, p. 1-15), Zvi simboliza o anúncio do cidadão do mundo, pós-moderno, midiaticizado com identidades reais e ilusórias embaralhadas em caleidoscópios superpostos e as afirmações fundamentadas se diluem e tudo muda.

Referências

BIBLIA. **A Bíblia da Mulher**: leitura, devocional, estudo. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BILO, V. P. **A comunidade judaica de Porto Alegre e suas relações com o estado de Israel**. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0500.pdf>. Acessado em: 04/06/2017.

BURKE, P. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1992.

COSER, S. Híbrido, Hibridismo e Hibridização. In: FIGUEIREDO, E. (Org.) **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: EDUFF, 2005, p. 163-188

COSTA, C. L. Feminismo e Tradução Cultural: Sobre a Colonialidade do Gênero e a Descolonização do Saber. In: Portuguese Cultural Studies. Fall 2012.

DICIONÁRIO. Dicionário do Aurélio Online. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com> Acesso em: 10.07.2017.

ECO, U. **Cinco Escritos Morais**. Tradução de Eliana Aguiar. ed. 7. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FERNANDES, G. M. Pós-moderno. In: FIGUEIREDO, E. (Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: EDUFF, 2005, p. 367-391

GUTFREIND, I. Imigração judaica no Rio Grande do Sul: *Pogroms* na terra gaúcha? In: **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, v.2 n.1 (jan-jun) 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/15547>. Acessado em: 04/06/2017.

_____. A atuação da Jewish Colonization Association (JCA) no Rio Grande do Sul: a Colônia Philippon. In: **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**. v.1 n.1 (jan-jun) 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/9772/5565>. Acessado em: 08/07/2017.

HAESBAERT, R. Migração e Desterritorialização. In: NETO, H. P.; FERREIRA, A. P. (orgs.). **Cruzando Fronteiras Disciplinares: Um Panorama dos Estudos Migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. ed. 11. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANCIAU, N. Entre lugar. In: FIGUEIREDO, E. (Org.) **Conceitos de literatura e Cultura**. Juiz de Fora: EDUFF, 2005, p. 125-141.

IANNI, O. **Capitalismo, Violência e Terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. Globalização e Diversidade. In: PATARRA, N. L. (Coord.). **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**. Campinas: FNUAP; São Paulo: Oficina Editorial, 1996.

NETO, Sydenham Lourenço. Imigrantes Judeus no Brasil, marcos políticos de identidade. In: **Revista de História**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2. p. 223-237, 2008. Disponível em: <http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/art-10-imigrantes.pdf>. Acessado em: 07/07/2017.

SCHNEIDER, Diéle de Souza. **Memórias compartilhadas: as vivências de imigrantes judeus durante a revolução de 1923 no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2013. 125 p. Disponível em: <http://meriva.pucrs.br:8080/dspace/handle/10923/3921>. Acessado em: 04/06/2017.